



# E N T H E O R I A

Cadernos de Letras e Humanas

DISCURSOS SOBRE A CORTESÃ NA LITERATURA FRANCESA DO SÉCULO

XIX: HONORÉ DE BALZAC E ALEXANDRE DUMAS FILS<sup>1</sup>

Regina Cibelle de Oliveira – USP<sup>2</sup>

Gloria Carneiro do Amaral - USP<sup>3</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa se propõe a tratar dos discursos sobre a cortesã em dois romances franceses do século XIX: *La Dame aux camélias*, de Alexandre Dumas Fils, e *Splendeurs et misères des courtisanes*, de Honoré de Balzac, de forma a compreender como cada autor tratou desse assunto, que poderíamos denominar o “affaire-courtisane”. Em primeiro lugar, faremos uma breve contextualização dos dois autores e das duas obras e apresentaremos alguns estudos sobre a prostituição, para compreendermos melhor a figura da cortesã, presente nos dois romances estudados. Em seguida, faremos um levantamento de discursos que tratam da profissão de cortesã nos dois romances, distinguindo o que é proferido pelo narrador do que é dito pelas personagens. Por fim, estabeleceremos uma comparação, com o intuito de verificar quais as semelhanças e diferenças entre as duas obras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Século XIX; França; prostituição; cortesã; literatura.

---

<sup>1</sup> Essa pesquisa foi apresentada originalmente na VI Semana de Letras da UFRPE – UAST, no dia 17 de junho de 2015, no Simpósio Temático : “Literaturas em movimento: o texto literário em seu viés Teórico, Comparativo, Analítico e Pedagógico.” O texto foi revisto e ampliado.

<sup>2</sup> Orientadora da pesquisa – Professora Doutora aposentada na USP – Universidade de São Paulo – Departamento de Letras Modernas (DLM) – Área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês - São Paulo – SP - Brasil. CEP: 05508-010 – e-mail: [glomar@uol.com.br](mailto:glomar@uol.com.br)

<sup>3</sup> Mestranda em Literatura Francesa na USP – Universidade de São Paulo – Departamento de Letras Modernas (DLM) – Área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês - São Paulo – SP - Brasil. CEP: 05508-010 – e-mail: [reginacibelle@usp.br](mailto:reginacibelle@usp.br)

**ABSTRACT:** This research proposes to discuss the discourses about the courtesan in two 19th century French novels: *La Dame aux camélias*, by Alexandre Dumas Fils, and *Splendeurs et misères des courtisanes*, by Honoré de Balzac, in an effort to understand how each author deals with this subject, which we could call “affaire-courtisane”. In the first place, we will briefly contextualise both authors and their work and present some studies about prostitution in order to better understand the figure of the courtesan, present in both novels. After that, we will survey the discourses which deal with the courtesan profession in both novels, distinguishing that which is said by the narrator from that which is said by the characters. Finally, we will establish a comparison in order to verify the similarities and differences between the two literary works.

**KEYWORDS:** 19th century; France; prostitution; courtesan; literature.

A cortesã é uma figura muito recorrente em diversos romances do século XIX, seja para mostrar toda a sua opulência, seja para mostrar seus sofrimentos e misérias. Inúmeros autores, de diferentes nacionalidades, a retrataram por várias perspectivas. Observa-se que, em muitas obras, tanto o narrador e as personagens fazem apontamentos sobre o trabalho da prostituta, quanto elas próprias trazem relatos sobre a sua situação.

A literatura francesa do século XIX é repleta de prostitutas de diferentes níveis, pois “a prostituição, do bordel popular à casa de *rendez-vous*, da clandestina à *demi-mondaine* ostentada, assume as formas mais diversas” (PERROT, 1998, p. 15) e essas formas distintas são retratadas pela literatura.

Dentre os romances que trataram do tema, trabalharemos com dois, *La Dame aux Camélias* (1848), de Alexandre Dumas Fils, e *Splendeurs et misères des courtisanes* (publicado entre 1838 e 1847), de Honoré de Balzac, pois, enquanto no primeiro temos uma cortesã como protagonista, no segundo, embora, de acordo com Barberis (1973, p. 13), seja difícil identificar qual é a personagem principal, a personagem da cortesã é fundamental para todo o desenrolar da história.

Escolhemos tratar desses dois romances porque, em *Splendeurs et misères des courtisanes*, o narrador faz uma abordagem interessante sobre a situação das cortesãs, e, nas cartas deixadas por Esther, percebemos que ela também faz alguns comentários sobre sua profissão. Já em *La Dame aux camélias*, além dos apontamentos do narrador e da

modista Prudence Duvernoy, sobretudo pela reflexão que a protagonista, a cortesã Marguerite Gautier, faz sobre seu trabalho.

Considerando-se que existem muitos trabalhos sobre a figura da cortesã na literatura, percebemos que, geralmente, foca-se a questão de como essas personagens são construídas e como se entregam ao amor verdadeiro, de forma a serem perdoadas pelas suas faltas. Não nos deteremos nesses pontos, mas focaremos a forma como a profissão da prostituta é abordada nas obras.

Alexandre Dumas Fils (1824-1895) é um escritor francês que se dedicou, sobretudo, ao teatro. Dentre os temas que abordou em sua obra, destacam-se o divórcio, a sedução e o adultério. Além do romance *La Dame aux camélias*, Dumas Fils também escreveu um drama em cinco atos com o mesmo título e assunto. Em 1850, a peça *La Dame aux camélias* foi recebida pelo teatro Vaudeville, mas foi interdita pela censura da Segunda República.

O romance *La Dame aux Camélias*, publicado em 1848, narra a história da cortesã Marguerite Gautier. O texto começa com a morte de Marguerite e o leilão de seus bens. Em seguida, o narrador escreve a história da jovem por meio do relato de seu amante, Armand Duval.

Já Honoré de Balzac (1799-1850) dedicou-se, principalmente, ao romance. Em sua obra, reunida por ele em um conjunto denominado *Comédie humaine*, o autor se propõe a analisar a sociedade francesa do século XIX por meio da história dos costumes, que, conforme ele afirma no *Avant-propos de la Comédie humaine*, é uma grande lacuna deixada pelos historiadores e precisa ser preenchida.

O conjunto denominado *Comédie Humaine* foi dividido em três partes: 1. *Études de mœurs*, que compreende as *Scènes de la vie privée*, *Scènes de la vie de province*, *Scènes de la vie parisienne*, *Scènes de la vie politique*, *Scènes de la vie militaire* e *Scènes de la vie de campagne*; 2. *Études philosophiques*; e 3. *Études analytiques*.

Em *Splendeurs et misères des courtisanes*, romance pertencente às *Scènes de la vie parisienne* da *Comédie humaine*, acompanhamos uma parte da história de Esther van Gobseck, a partir de seu relacionamento amoroso com o poeta Lucien de Rubempré, paixão que levou os dois amantes ao suicídio. No primeiro capítulo, pela voz do narrador, acompanhamos um perfil de cortesã e temos um panorama dos diferentes níveis de prostituição pelos quais Esther transitou.

Esses dois romances trazem discursos que nos permitem observar a situação dual dessas mulheres da vida. Se, por um lado, retratam todo o luxo da profissão, por outro, pode-se perceber a vida difícil das cortesãs, cuja situação financeira oscila o tempo todo, como percebemos no próprio título do romance de Balzac, que já mostra esse paradoxo entre o esplendor e miséria.

Essa situação díspar que circunda a profissão da cortesã foi apontada por estudiosos que se dedicaram à pesquisa sobre a prostituição. De acordo com Corbin (2010, p. 190), existem duas categorias de prostituição: a alta e a baixa. As garotas de rua que abordam os clientes nas calçadas são as prostitutas de baixa categoria. Elas são consideradas mulheres devassas e sem escrúpulos, e costumam ser perseguidas tanto pela polícia como pela administração pública. Parent-Duchâtelet (2008, p. 99), Pateman (1993, p.280) e Beauvoir (1980, p. 324) apontam que a miséria costuma ser a principal causa desse tipo de prostituição. Normalmente, a garota abandonada, órfã ou sem emprego, que não tem como se sustentar, acaba entrando na prostituição para não morrer de fome.

No caso da cortesã, maior representante da prostituição de alta categoria, Corbin (2010, p. 197), afirma que elas costumam ostentar grande pomba, conseguem escolher seus parceiros e, em alguns casos, podem ter o privilégio de serem sustentadas financeiramente por um único amante. Seus clientes são pessoas muito ricas, o que as traz certo conforto. No entanto, caso sejam abandonadas pelo amante ou se o amante entra em falência, esse conforto acaba e elas perdem todo o luxo e a mordomia.

Essa situação faz com que elas vivam uma fortuna temporária e uma situação financeira que oscila o tempo todo. Além disso, muitas ficam endividadas, para manter as aparências, como é o caso de Marguerite Gautier. O problema ainda parece ser maior quando elas realmente se apaixonam, o que acontece tanto com Esther van Gobseck quanto com Marguerite Gautier e lhes traz consequências drásticas e irreversíveis, pois as duas morrem.

Segundo Knibiehler (1991, p. 352), no século XIX o corpo é visto como inimigo da alma, pois ele é um obstáculo à salvação. Já o coração seria o ponto principal da identidade feminina. Parece-nos que a morte das cortesãs (principalmente no caso de Marguerite Gautier), depois de tanto sofrer por amor, pode ser vista como uma tentativa de acabar com o corpo, de forma a fazer prevalecer o domínio da alma, o que as libertaria do estatuto de pecadoras e as levaria a uma salvação.

*La dame aux camélias*

O romance de Dumas Fils começa com um narrador apontando que só se pode criar uma personagem depois de se ter estudado bem os homens. Após dizer que ainda não tem idade para inventar, afirma que se contentará em narrar uma história real. Essa preocupação com narrar uma história verdadeira é bem presente nesse início de romance e parece-nos ser uma forma de trazer um efeito de verossimilhança para o texto, ou, como afirma De Marco (1986, p. 108), serve para que o leitor acredite que nada foi inventado, o que acaba garantindo seu interesse.

Passando para os fatos, esse narrador conta como ficou sabendo do leilão dos bens da cortesã Marguerite Gautier e afirma que sentiu dó da pobre moça. Nesse ponto, é interessante observar que o narrador, prevendo um estranhamento do leitor pelo fato dele se apiedar por uma mulher da vida, declara: “Cela paraît peut-être ridicule à bien des gens, mais j’ai une indulgence inépuisable pour les courtisanes, et je ne me donne même pas la peine de discuter cette indulgence”<sup>4</sup>(DUMAS FILS, p.30). Dessa forma, já percebemos a preocupação do narrador no que se refere às reações do leitor, pois assim que afirma algo, já justifica.

Como forma de demonstrar esse sentimento de piedade, o narrador aponta a fragilidade das cortesãs, cujas mortes, após uma vida turbulenta, geralmente não trazem nem lágrimas aos olhos de seus amantes. No entanto, continuando a leitura percebemos o quanto o amante de Marguerite sofreu com a sua morte.

Outro ponto já destacado foi o fato no narrador tentar justificar a sua escolha. Segundo ele, vários autores do século XIX já retrataram a cortesã: Victor Hugo, com *Marion Delorme*, Musset, com *Bernerette* e Alexandre Dumas, com *Fernande*. Sendo esse assunto tão comum, muitos leitores poderiam rejeitar seu livro, pensando que ele traz uma apologia ao vício e à prostituição. Ele adverte que se for essa a preocupação dos leitores, podem continuar a leitura sem medo, pois não encontrarão esse problema no seu livro.

O relato do amante Armand Duval confirma como essa mulher sofreu e mostra o caminho que a conduziu para uma purificação, ao ponto de ter praticamente perdoadas todas as suas faltas. Ele fala sobre os problemas de saúde que a jovem tinha e conta tudo o que ela fez para protegê-lo e proteger sua família. No início do romance, pela voz do

---

<sup>4</sup> “Talvez isso pareça ridículo para muitos, mas tenho uma indulgência inesgotável pelas cortesãs, e nem me dou ao trabalho de discuti-la.” (Tradução de Renata Cordeiro, p. 18)

narrador, e no final da peça de teatro, pela voz da crida, é feita uma alusão a um trecho da Bíblia que diz que tudo será perdoado a todo aquele que muito amou.

Sobre a questão da bondade dessa mulher da vida, De Marco (1986, p. 131) destaca que Marguerite Gautier é uma cortesã dócil, que enfrenta sofrimentos e tristezas para ver seu grande amor feliz. Primeiramente, o leitor penetra no universo íntimo dessas mundanas, observando seus hábitos e costumes, para, depois, verificar o quanto Marguerite vai se afastando desse mundo para se dedicar a Armand. No entanto, ela é obrigada a renunciar ao seu grande amor, pois o pai dele mostra o quanto o relacionamento de seu filho com uma cortesã pode ser prejudicial para a sua família.

Ao refletir sobre sua profissão, Marguerite afirma

Si celles qui commencent notre honteux métier savaient ce que c'est, elles se feraient plutôt femmes de chambre. Mais non; la vanité d'avoir des robes, des voitures, des diamants nous entraîne; on croit à ce que l'on entend, car la prostitution a sa foi, et l'on use peu à peu son coeur, son corps, sa beauté; on est redoutée comme une bête fauve, méprisée comme un paria, on n'est entourée que de gens qui vous prennent toujours plus qu'ils ne vous donnent, et on s'en va un beau jour crever comme un chien, après avoir perdu les autres et s'être perdue soi-même.<sup>5</sup> (DUMAS FILS, p. 114)

Com essa fala tão importante, proferida por uma cortesã, conseguimos verificar a ambiguidade da profissão. O discurso de Marguerite é marcado por uma melancolia e por um arrependimento, pois parece-nos que a jovem, buscando melhorar de vida e atender a uma vaidade, entrou nessa profissão vergonhosa sem saber realmente o que a esperava. Considerando que o narrador teme que o público veja a obra como apologia ao vício, essa fala da cortesã parece também alertar as jovens, para que elas não se enganem e não acreditem nas aparências. Ressalta-se aqui que esse trecho foi contado ao narrador pelo amante de Marguerite após a morte da jovem, ou seja, todas as falas da cortesã passam, primeiramente, pela voz do amante e, só depois, são escritas pelo narrador, que já tinha alertado o leitor de que faria o possível para contar exatamente o que ouviu e que será uma pena se ele mudar alguma palavra.

---

<sup>5</sup> “Se as que ingressam em nosso vergonhoso ofício soubessem como ele é, prefeririam ser camareiras. Mas não; a vaidade de ter vestidos, carros, diamantes nos arrasta; acreditamos no que ouvimos, pois a prostituição tem sua fé, e gastamos, pouco a pouco, o coração, o corpo, a beleza; somos temidas como uma fera selvagem, desprezadas como um pária, cercadas somente de pessoas que nos tomam mais do que nos dão e, um belo dia, morreremos como um cachorro, depois de perdermos os outros e de nos perdermos a nós mesmas.” (Tradução de Renata Cordeiro, p. 90)

Marguerite afirma, em diversos momentos, que é uma jovem perdida, conforme podemos observar no trecho seguinte, no qual ela pede para Armand retornar para perto do pai:

Retournez auprès de votre père, mon ami, allez revoir votre soeur, jeune fille chaste, ignorante de toutes nos misères, et auprès de laquelle vous oublierez bien vite ce que vous aura fait souffrir cette fille perdue que l'on nomme Marguerite Gautier(...) <sup>6</sup> (DUMAS FILS, 1998, p. 205)

Esse tom melancólico e essa postura frente à sua posição na sociedade se repetem em vários trechos. Se, na primeira fala, ela se compara ao animal selvagem, nessa segunda, ela se chama de mulher perdida e parece lamentar sua sorte. Observamos que Marguerite busca o tempo todo “apagar sua imagem de cortesã e desfazer-se do luxo que a cercava para dedicar-se a Armand” (DE MARCO, 1986, p. 127). Quando o pai de Armand resolve intervir, a instituição “família” faz com que a situação de Marguerite como mercadoria seja acentuada e ela decide acabar com seu relacionamento.

A morte de Marguerite parece completar esse processo de redenção e de purificação da cortesã arrependida, que, segundo De Marco (1986, p. 131), passou primeiramente pelo sentimento de culpa, seguido de renúncia, privação dos prazeres, privação do amor e morte.

Esse momento catártico, que traz lágrimas aos olhos do leitor mais sensível, faz com que a virtude seja louvada e o vício condenado. Assim, o narrador confirma que seu livro não é uma exortação ao vício e que pode até servir como uma forma de educação sentimental para as meninas castas e inocentes, como é o caso da irmã de Armand Duval.

### ***Splendeurs et misères des courtisanes***

No caso de *Splendeurs et misères des courtisanes*, a primeira observação que precisamos fazer é que ele é narrado em terceira pessoa e que não apresenta uma preocupação em justificar a escolha do tema e da personagem. O romance começa com uma cena de um baile de máscaras. Nesse baile, o poeta Lucien de Rubempré ressurgue para a sociedade, após ser salvo da morte pelo falso abade Carlos Herrera (que, na verdade, é um ex-forçado disfarçado) em *Illusions perdues*.

---

<sup>6</sup> “Volte para junto de seu pai, meu amigo, vá rever sua irmã, moça casta, que ignora todas as nossas misérias, e junto de quem esquecerá bem rápido o que lhe fez esta moça da vida que se chama Marguerite Gautier.” (Tradução de Renata Cordeiro, p. 168)

Esther, que acompanha o poeta, é reconhecida por alguns participantes do baile e, após ser ridicularizada por eles, volta para casa e tenta suicídio. Salva-se graças à intervenção de Herrera, que passa a tentar transformá-la em uma moça direita, colocando-a numa casa afastada, para que receba educação e religião.

Esther e Lucien são completamente apaixonados, mas Herrera tem projetos de casar o poeta com a filha de uma duquesa. Como o poeta não tem dinheiro, o falso abade aproveita o fato de o rico barão de Nucingen estar apaixonado por Esther para extorquir dinheiro do velho e realizar seu objetivo. No entanto, após se entregar para o barão pela primeira vez, Esther se mata por não suportar viver essa farsa. Lucien e Herrera vão para a cadeia, acusados da morte de Esther, e o poeta também se mata.

É interessante observar como vão se constituindo as referências ao negócio da prostituição no decorrer do romance. De Marco (1986, p. 144) destaca que Balzac trata da prostituição de uma forma mais universal, visto que a Esther van Gobseck transita pela prostituição de alto e baixo nível. No início do romance, Esther se aproxima mais da prostituição de baixo nível, tanto pelo local onde morava quanto pelo ambiente em que vivia. Após receber instrução e ser batizada na igreja católica, Esther vai morar em um local limpo e ordenado e, sendo mantida pelo Barão de Nucingen, passa a ser considerada uma prostituta de alto nível. Seu relacionamento com o barão traria a proteção financeira de que ela necessitava, mas ela viveria para sempre infeliz, o que a leva ao suicídio.

Uma questão que aparece no romance balzaquiano é o destaque à importância da profissão de cortesã naquela sociedade. Durante o baile, o personagem Blondet fala: “Et sans toutes ses reines, que serait l’empire des Césars? (...) Toutes sont d’ailleurs la poésie des siècles où elles ont vécu.”<sup>7</sup> (BALZAC, 1973, p. 50). Ou seja, as cortesãs são importantes, inclusive, para o desenvolvimento dos grandes impérios, como a potência que foi o Império Romano na época de Júlio César, pois elas são a imagem da poesia e da beleza, e encantam os ambientes pelos quais circulam.

Ao tratar do relacionamento de Esther com o Barão de Nucingen, o narrador aponta que as cortesãs têm uma vida fácil e costumam ganhar mais dinheiro do que se fossem trabalhar como operárias. No entanto, elas gastam muito, se endividam e, se abandonadas, ficam sem recursos para sobreviver. Isso corrobora as afirmações de Corbin (2010, p. 197).

---

<sup>7</sup> “E sem todas essas rainhas, o que seria do império dos Césares? (...) Todas elas são, aliás, a poesia dos séculos em que viveram.” (Tradução de Ilana Heineberg, p. 29)

No que diz respeito ao amor das cortesãs, o narrador afirma que, quando elas amam de verdade, elas têm o comportamento de uma mulher honesta. No romance, pode-se observar esse comportamento de Esther. Ela só aceita ser seduzida pelo barão de Nucingen porque Herrera a convence de que isso ajudará a melhorar a situação financeira de Lucien. No trecho a seguir, observamos a fala do abade, tentando convencer Esther a aceitar o barão:

Une fois notre affaire faite, notre amoureux est assez riche pour vous rendre heureuse... (...) Soyez espiègle, dépensière, rusée, sans pitié pour le millionnaire que je vous livre. Écoutez!... cet homme est un voleur de grande Bourse, il a été sans pitié pour bien du monde (...) Si vous laissiez soupçonner vos liaisons depuis quatre ans avec Lucien, autant vaudrait lui tirer un coup de pistolet dans la tête. (BALZAC, 1973, p. 201-202)<sup>8</sup>

A essa colocação do abade, Esther responde que vai aceitar o negócio, mas que não será feliz, pois só consegue ser feliz com o poeta. Ela afirma que seu amor é uma doença mortal, mas que obedecerá todas as ordens de Herrera, principalmente se for para proteger Lucien. Observa-se o quanto o falso abade é astuto, visto que ele tenta mostrar todas as faltas e injustiças do barão, de modo que pareça que, ao tirar dinheiro dele, Esther estaria fazendo justiça e vingando todos os que ele prejudicou.

A prostituição é tratada, no romance balzaquiano, sempre como um negócio, uma fonte de renda e de lucros. Os conselhos do abade para que ela tire todo o dinheiro que conseguir do barão, para que Lucien consiga dinheiro para se casar com a filha da duquesa, mostram bem essa negociação. Herrera não está preocupado com o amor do poeta nem com o amor da cortesã. Ele vê somente tudo o que pode lucrar com esses dois apaixonados.

Diversas personagens do romance balzaquiano também fazem comentários sobre a figura da cortesã. Acompanhamos trechos em que as personagens destacam o potencial destruidor das cortesãs, cuja maior característica é acabar com as fortunas de seus protetores, muitas vezes levando-os à falência.

Outra cortesã presente no romance, a Madame du Val-Noble, primeira dona da casa onde o barão de Nucingen instalou Esther, havia sofrido com a falência de seu amante. Ela

---

<sup>8</sup> “Uma vez nossos negócios terminados, nosso apaixonado é rico o bastante para fazê-la feliz... (...) Seja arteira, gastadeira, esperta, sem piedade por um milionário que estou entregando para você. Escute... Esse homem é um ladrão da Bolsa; ele não teve piedade de muita gente (...) Se deixar que suspeite de sua ligação de quatro anos com Lucien, será o mesmo que dar um tiro de pistola na cabeça dele.” (Tradução de Ilana Heineberg, p. 164-165)

fala para Esther sobre as humilhações que sofreu e sobre o pouco caso que fazem das mulheres como elas.

Em uma carta de Esther para o barão, observamos que a personagem também está consciente de sua situação. Ela escreve: “Je n’ai jamais mieux senti la bassesse de ma condition que depuis le jour où je vous fus livrée. Vous avez payé, je me dois. (...) Une honnête femme a des chances de se relever d’une chute; mais nous autres, nous tombons trop bas.”<sup>9</sup> (BALZAC, 1973, p. 242). Nesse trecho, é possível verificar dois pontos: primeiro, o fato da própria Esther se ver como mercadoria; segundo, sua submissão àquele que lhe sustenta. Ela se mostra rebaixada e humilhada, tanto que, por achar o conteúdo da carta um pouco rude, envia outra, em seguida, pedindo perdão, pois uma prostituta não poderia humilhar seu protetor.

### **Conclusão**

No decorrer deste artigo, buscamos mostrar uma parte do que podemos apreender sobre a profissão de cortesã em dois romances franceses do século XIX. Em ambos, temos prostitutas de alto nível como personagens importantes para o desenrolar das ações, pois Marguerite Gautier é a personagem principal do romance de Dumas Fils e Esther van Gobseck é uma das personagens que mais se destaca no romance de Balzac.

Nesses dois textos também temos discussões e apontamentos sobre a figura da cortesã, sua representação e função social no século XIX e sua situação de mercadoria. Observamos o percurso de personagens que vivem um amor verdadeiro, mas que a sua posição na sociedade não permite que elas usufruam desse amor. Nem Esther nem Marguerite podem viver plenamente seus relacionamentos, para não prejudicarem seus amantes. Ambas abrem mão do amor e morrem. Esther escolhe morrer, pois não aguentaria viver uma farsa; Marguerite fica doente e não resiste.

Um ponto que afasta os dois textos é que o narrador de *La Dame aux Camélias* justifica várias vezes o fato de ter uma cortesã protagonista. Marguerite vai abandonando os hábitos de mundana e apresenta comportamentos exemplares. Ela passa a usar trajes mais simples e, conforme destaca De Marco (1986, p. 122), o narrador tenta mostrar que

---

<sup>9</sup> “Nunca senti tão bem a baixaza de minha condição quanto depois do dia em que fui entregue ao senhor. O senhor pagou, eu sou sua devedora. (...) Uma mulher honesta tem chances de se levantar de uma queda; mas nós, nós caímos baixo demais.” (Tradução de Ilana Heineberg, p. 198-199)

Marguerite é uma exceção no universo da prostituição. Mesmo assim, a jovem passa por várias privações antes de morrer, como forma de regeneração.

O narrador de Balzac não justifica sua personagem nenhuma vez. Talvez seja pela ambição balzaquiana de ser o historiador de costumes, o que o leva a tratar da sociedade como um todo. Além disso, em Balzac podemos perceber, inclusive, o apontamento da necessidade da profissão para a sociedade, conforme observamos na fala da personagem Blondet, transcrita no corpo do trabalho.

Em Balzac também não percebemos um momento de catarse como acontece com a morte de Marguerite. Esther decide morrer pelo fato de não poder ficar com Lucien. Parece-nos que Esther não passa pelo processo de regeneração pelo qual passou Marguerite. No romance balzaquiano, não há uma preocupação em perdoar as faltas de Esther. Após sua morte, ao invés de focar as desventuras amorosas que a levaram ao suicídio, o negócio passa a ser o que fazer para salvar Lucien de ser condenado. Depois da morte do poeta, a preocupação será em como não manchar a honra das famílias que ele frequentava.

Vale ressaltar que, mesmo com proximidades e afastamentos, os dois textos mostram-se importantes para observarmos os discursos literários sobre o assunto. Recuperar essas referências nos ajuda a compreender o percurso dessas mulheres, personagens de tantos romances franceses e estrangeiros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZAC, H. *Splendeurs et misères de courtisanes*. Préface et notes de Pierre Barbéris. Paris : Gallimard, 1973.

\_\_\_\_\_. **L'avant-propos de la Comédie Humaine**. Disponível em : <[http://beq.ebooksgratuits.com/balzac/Balzac\\_00\\_Lavant\\_propos\\_de\\_la\\_Comedie\\_humaine.pdf](http://beq.ebooksgratuits.com/balzac/Balzac_00_Lavant_propos_de_la_Comedie_humaine.pdf)> Acesso em: 03 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. *Esplendores e misérias das cortesãs*. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2007.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 323-342.

CORBIN, A. *Les filles de noce: misère sexuelle et prostitution au XIXe siècle*. Paris: Flammarion, 2010.

DE MARCO, V. *O império da cortesã: Lucíola, um perfil de Alencar*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

DUMAS FILS, A. *La Dame aux Camélias*. Paris: Pocket, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Dama das Camélias*. Tradução de Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

KNIBIEHLER, Yvonne. “Corps et coeurs”. In. DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs). *Histoire des femmes en Occident IV. Le XIXe siècle*. Paris: PLON, 2002, p.391-439.

PARENT-DUCHÂTELET, Alexandre. *La prostitution à Paris au XIXe siècle*. Texte présenté et annoté par Alain Corbin. Paris : Éditions du Seuil, 2008.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Tradução: Marta Avancini. Rio de Janeiro : Paz e terra, 1993, p. 279-321.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Tradução : Roberto Leal Ferreira. São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1998.

RÓNAI, P. A vida de Balzac. *Balzac e a Comédia humana*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2012.